

0208

Edvaldo Arlégo



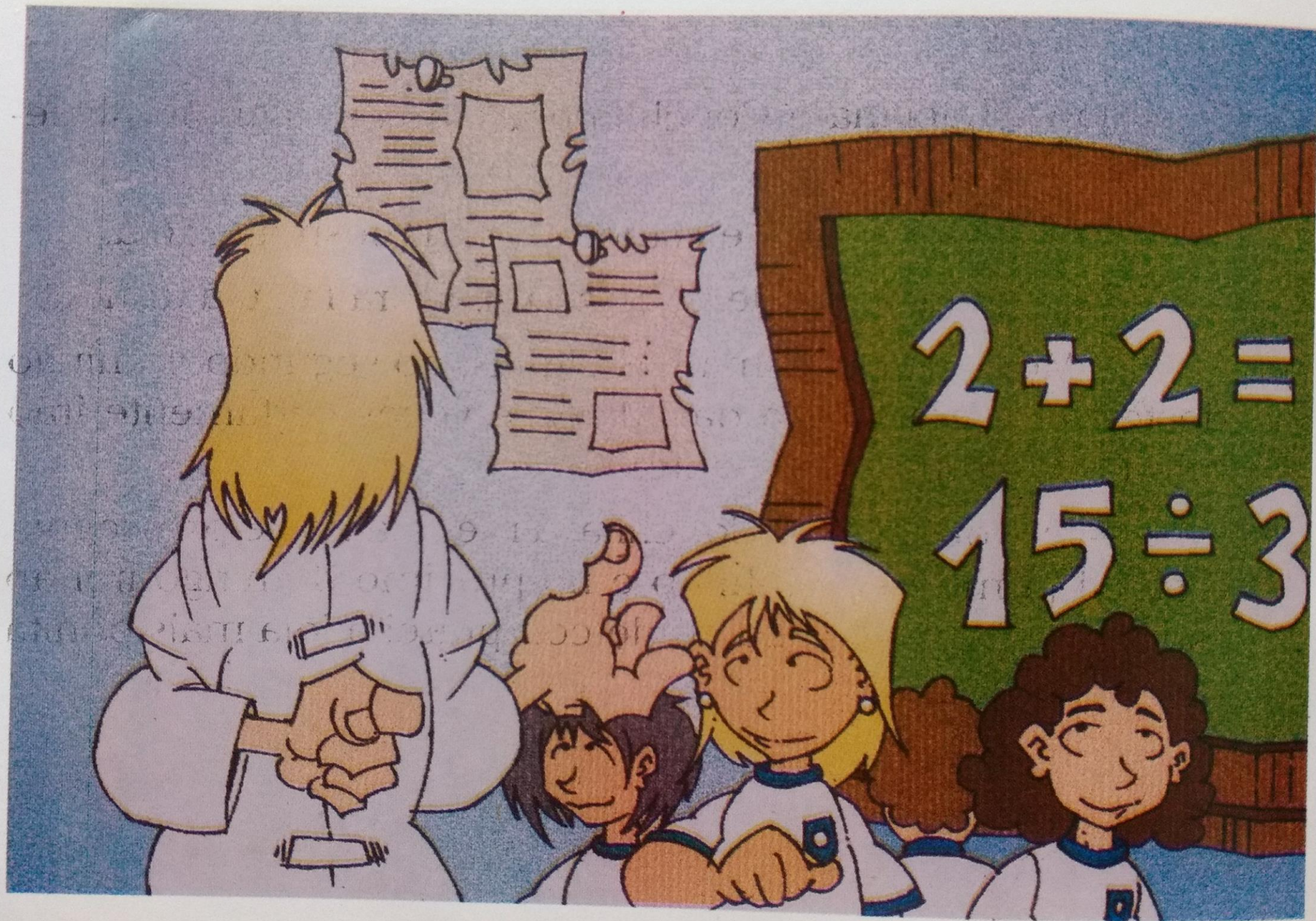
Jade, Luciana e Conchita eram três amiguinhas inseparáveis.

Brincavam juntas e estudavam na mesma escola.

No segundo dia de maio a professora falou à turma:

– Meus alunos e minhas alunas, no segundo domingo deste mês será o “Dia das Mães” e vocês certamente irão brindá-las com um presente.

– Eu vou! – disse Conchita, a menina rica e prosseguiu
– Papai já me deu dinheiro e no próximo domingo irei ao “shopping” com a babá, onde comprarei a jóia mais bonita que encontrar.

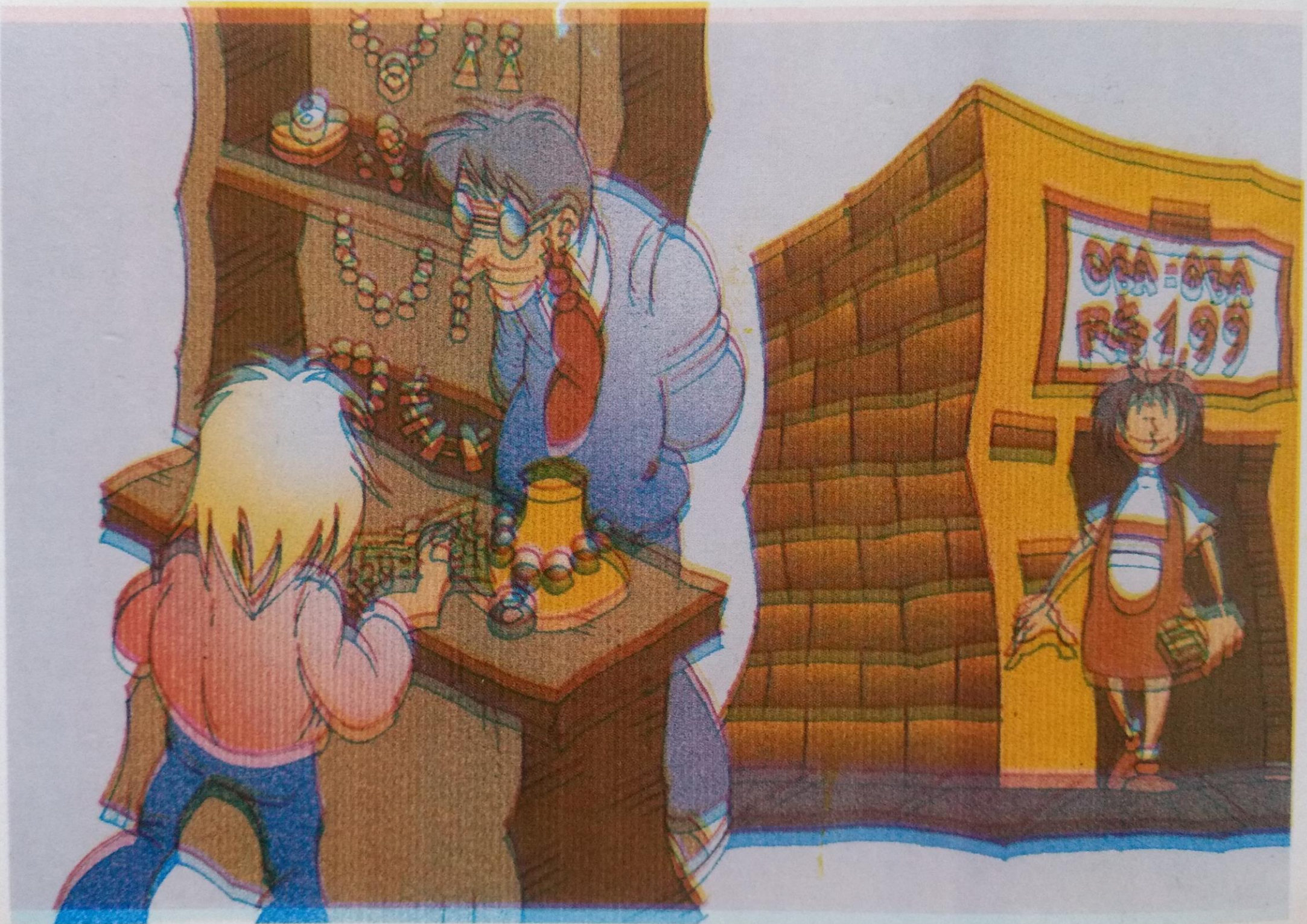


Sua segurança era tanta, que chegava a dar inveja em algumas colegas que não eram tão ricas.

Luciana, mais modesta, também disse que compraria um presente na lojinha de R\$ 1,99 e, certamente ela ficaria muito contente.

Jade, na humildade daqueles que têm poucas posses, assegurou que daria um grande presente à dona Edleyd, naquele domingo especial.

Na segunda-feira seguinte ao “Dia das Mães”, a “Tia”, assim os alunos chamavam a professora carinhosamente, cobrou de seus alunos que presentes teriam dado às suas mães.



Todos responderam. As três amiguinhas ficaram por último.

Como sempre, Conchita foi a primeira:

– Com o dinheiro que papai me deu, comprei um belo colar de pérolas-negras para mamãe. Foi uma nota. Ela adorou.

Sem se preocupar com a esnobação da amiga, Luciana falou que dera apenas uma bijouteria, que a fez parecer ainda mais jovem,

Todos aplaudiram.

– E você, Jade, que deu à sua mãe? – Criatividade, “Tia”.

– Como, criatividade? – indagou confusa a professora.



– Papai está desempregado há muito tempo e mamãe, tomando conta de mim e de meus irmãos, não tem como ajudá-lo. Ela diz que estamos vivendo da indenização que ele recebeu quando foi demitido.

– E que você fez, finalmente, Jade?

– Peguei uma caixinha velha, restaurei-a revestindo-a por dentro e por fora com o papel de presente mais bonito que encontrei debaixo do colchão.

– E depois? – quis saber, curiosa, Conchita.

– Depois, levantei a tampinha da caixa, dei muitos beijinhos pra dentro dela e tampei rápido para que não saísse. Passei uma fita colorida, dei um laço bem bonito e no “Dia das Mães” dei-a de presente a mamãe.



– E ela? – indagou Luciana.

– Adorou.

– Não acredito. Como sua mãe iria saber que ali dentro tinha beijos? Beijo não se vê, a não ser quando se está dando.

Intrigada com a desconfiança do colega, Jade respondeu:

– Você é que pensa. É certo que disse a ela que ali dentro daquela caixa, aparentemente vazia, havia um milhão de beijos meus para ela, mas pelo seu olhar, tenho certeza de que quando abriu a caixinha viu meus beijinhos saindo em direção ao seu rosto, entrando em seu coração.



A campainha soou anunciando o término da aula. Os meninos, como sempre, permaneceram em seus lugares esperando que viessem apanhá-los.

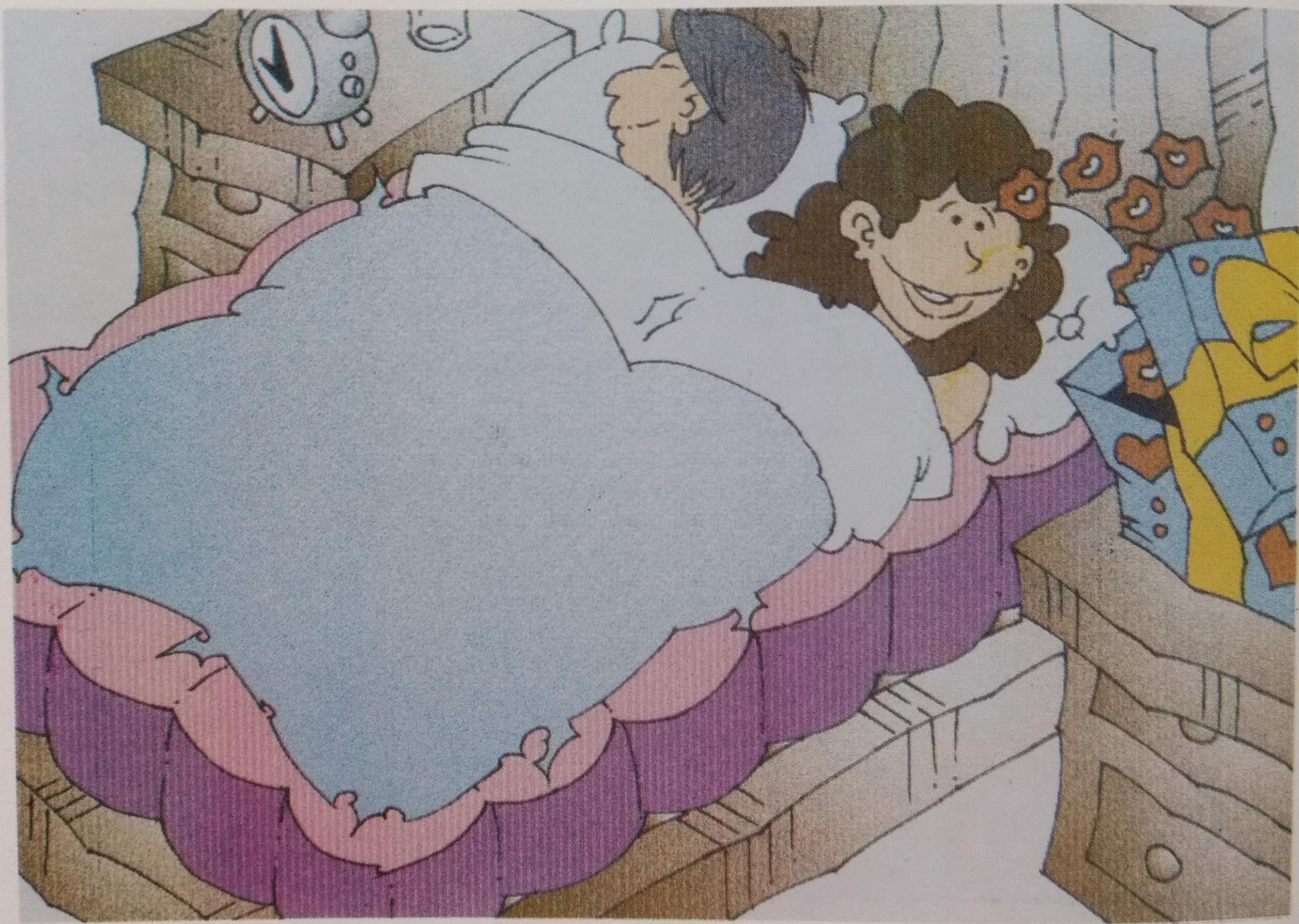
– Portador pra Jade. – disse o porteiro e concluiu – Dona Edleyd está na portaria lhe esperando, vamos.

Depois de dar a mão ao porteiro Jade foi encontrar-se com sua mãe a quem se abraçou, cercando-a de beijos. Sem maiores rodeios, Dona Edleyd falou para filha:

– Jade, tu nem sabes.

– Que foi, mamãe?

– Teu pai, finalmente, arranhou um novo emprego. Tenho certeza de que as coisas irão melhorar, graças a Deus.



Meses depois as três amiguinhas comentando a respeito de seus presentes do “Dia das Mães”, disseram:

– Estou triste com meu presente.

– Por que? – indagaram Jade e Luciana.

– Gastei tanto e o presente luxuoso que dei a mamãe só pode ser usado à noite, na maioria das vezes quando já estou dormindo. Raramente a vejo com ele no pescoço.

– Eu também. A bijouteria que lhe dei ela nem usa muito. Diz que não pode repeti-la sempre. Não lhe ficaria bem.

– E você Jade? – perguntou Luciana.

– A caxinha já se estragou? – complementou a indagação Conchita.

– Nem um pouquinho. E tem mais – esclareceu Jade – continua na cabeceira de sua cama com a tampinha meio aberta como se a todo instante esperasse que meus beijinhos saíssem em direção ao seu rosto.

A professora que ouvia atenta a conversa das crianças pensou consigo mesma: “Essas crianças de hoje...”



EDVALDO ARLÉGO recifense da Madalena e dedica-se principalmente à literatura infanto-juvenil, com mais de 60 livros publicados, a maioria deles com várias edições.

Poucos escritores no país têm o poder de comunicação com os pequenos-leitores quanto o nosso Arlégo. Isso acontece, segundo afirmam os psicólogos, porque ele faz-se criança para criar e desenvolver suas histórias, encaixando sua linguagem no imaginário infantil.

Sem sombra de dúvida é um dos autores mais lidos e admirados pelo seu público particular: as crianças.